

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Disciplina: Produção de textos argumentativos em Língua Portuguesa

Professora: Jocelyne da Cunha Bocches

Aluno: Kleber de Oliveira Boelter

Data: 30 de maio de 2006.

Trabalho: Redigir um texto sobre preconceito baseado no artigo "O preconceito nosso de cada dia", de Jaime Pinski, publicado no Estado de São Paulo em 20/05/1993.

---

## EU TENHO PRECONCEITOS

*"Não há outro pecado além da estupidez"*  
Oscar Wilde

Antes de desfiarmos um rosário de argumentos, distorcidos ou não pela arte da retórica, convém atacarmos de imediato o primeiro preconceito, que está presente em praticamente todas as discussões: o preconceito em relação à palavra. Ou seja, antes de mais nada, vamos definir o que é preconceito. Apenas essa simples e imprescindível iniciativa já servirá como argumento para derrubar a maioria das afirmações que se faz a respeito dessa característica tão comum ao ser humano. Aliás, muito mais comum do que parece (ou do que as pessoas admitem).

Preconceito, como a própria formação da palavra define pela junção do prefixo *pre* (oriundo do latim *prae*, que significa precedência, anterioridade) com a palavra *conceito*, é um conceito formado previamente, sem a análise ou o conhecimento necessários para sua correta formulação. Normalmente, ele provém das circunstâncias do meio, da formação educacional ou da própria cultura vigente.

Portanto, não podemos confundir preconceito com conceitos formados através de nossos estudos, observações ou experiências pessoais. Na verdade, é natural - e mesmo desejável - que tenhamos opiniões sobre fatos e pessoas que conhecemos. Afinal, não é apenas característica, mas definição mesmo da condição humana, o registro cognitivo de experiências vividas, e o resgate deste registro em eventos futuros. De que outra forma aprenderíamos a não colocar a mão no fogo, a não confiar em pessoas que mentem, a não repetir o voto em políticos que traíram suas promessas? Ela não faz parte da famosa lista onde constam a soberba, avareza, luxúria, inveja, gula, ira e preguiça. Talvez porque o significado da palavra preconceito não traga, em si mesmo, nenhum juízo de valor. Se somos bem tratados por uma pessoa de determinada família, e

concluimos que seremos igualmente bem tratados pelos seus irmãos ou parentes, estamos formando um preconceito. Mas um preconceito positivo.

Da mesma forma, é possível afirmar que o preconceito não é, em si, um defeito, mas uma característica normal do ser humano de fazer deduções e projeções a partir de conhecimentos adquiridos e de experiências pessoais. Se lemos algo a respeito da agressividade e do veneno das cobras, é natural que sintamos receio diante de uma delas, mesmo que seja uma inofensiva cobra d'água. Se somos mordidos por um cachorro, é normal que sintamos medo quando virmos outro cachorro, principalmente se for da mesma raça daquele que nos atacou. Se, ao trocar uma lâmpada, levamos um choque violento, teremos receio em trocar uma nova lâmpada, ainda que o interruptor da mesma esteja comprovadamente desligado. São, todos, conceitos prévios. Mas eles não surgiram do nada, como na verdade nenhum conceito (ou preconceito) que formamos vem do nada.

Fala-se muito de preconceito, em sentido negativo, em relação a negros, indígenas, homossexuais e outros grupos. Mas mesmo boa parte dos nossos paladinos do pretense "politicamente correto" ou da intelectualidade acadêmica estão eivados de preconceitos. Basta pensar na conotação pejorativa que possuem, em nossa cultura, os conceitos de burguês, empresário, capitalista, liberal e tantos outros.

Portanto, o problema não é o preconceito. E não é, nem mesmo, como afirmam vários estudiosos, intelectuais ou simples palpiteiros, a generalização, já que ela é uma reação natural, normalmente de defesa, do ser humano. O problema é como nos posicionamos diante do preconceito, com que nível de intolerância ou mesmo violência reagimos a essas inferências, essas deduções que projetamos a partir de nossa bagagem pessoal.

Após sermos mordidos por um cachorro, passaremos a ter receio, ou no mínimo, mais cuidado com esses animais. Jamais poderemos encará-las uma próxima vez como se fosse a primeira, como se nada tivesse acontecido, ou seja, sem nenhum preconceito. Mas há uma grande diferença entre aproximarmos-nos com cautela e ver se esse cachorro é tão agressivo quanto era o que nos mordeu, ou simplesmente dar-lhe um tiro na cabeça.

O que devemos evitar não é o preconceito, tanto por ser uma impossibilidade, quanto por ele não ser um mau conceito, à priori. O que devemos evitar é reagir a esse sentimento com intolerância, irracionalidade, violência, segregação. Apenas chamando as atitudes a serem evitadas por seus verdadeiros nomes é que vamos aprender a evitá-las.

Se não, ficaremos mergulhados num pântano desconhecido, sentindo-nos culpados por algo que não entendemos com clareza e que não conseguimos evitar. Ou, pior, colocaremos a responsabilidade apenas em coisas externas como educação, família, cultura, moda, e continuaremos repetindo esse comportamento deplorável porque, afinal, não temos culpa mesmo.

*KLEBER BOELTER  
MAIO/2006*